

METÁFORA X NÃO-METÁFORA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A FRONTEIRA ENTRE O SENTIDO LITERAL E FIGURADO NA LINGUAGEM

HEBERTH PAULO DE SOUZA
(UFMG)

ABSTRACT This paper aims to discuss the relation between the metaphorical and non-metaphorical sense of language in the scope of some modern theories of Cognitive Linguistics. It will be provided some theoretical contributions regarding the theory of Mental Spaces (Fauconnier) and the theory of Conceptual Blending (Fauconnier and Turner). These cognitive models of treatment of language will be applied to some written texts of the media in order to show that the limit between metaphor and non-metaphor requires a focus on the context. Depending on the context, some frames and other basic elements of the Cognitive Linguistics emerge and these are related to the interpretation operated by the users of language.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, temos assistido a uma mudança de orientação nos estudos da linguagem que influenciou sobremaneira no campo da pesquisa científica e da prática pedagógica, ainda que muito se precise rever e melhorar em ambas as áreas. Essa mudança se resume na passagem de uma lingüística estrutural, bem ao gosto de Saussure, para uma lingüística da situação de fala, das condições de produção de um enunciado, da história dos interlocutores. Um novo elemento surge aí integrando a análise lingüística e implementando uma nova visão sobre os fatos da língua, outrora considerados previsíveis no sistema. Esse elemento é o “contexto”, que, uma vez incorporado na análise, assume a feição de um dado da linguagem que interfere decisivamente na produção do sentido das palavras.

Tal mudança foi ensejada por estudos realizados especialmente na década de 1960, a exemplo das considerações levantadas por Benveniste, Austin, Searle, Pêcheux, Grice, Coseriu, só para citar alguns.

As mudanças, no entanto, não terminam aí. Paralelamente à crescente consideração do elemento contextual na análise lingüística, a concepção mentalista da teoria chomskyana vai sendo aos poucos questionada, a ponto de desembocar numa área que se preocupa com o processamento mental da linguagem sem, porém, associar a prática desta com qualquer dispositivo cerebral predeterminado para esse fim. Além disso, são feitas considerações em torno de como os aspectos sócio-culturais atuam no processamento da linguagem em total consonância com o processamento do raciocínio em sua ampla acepção, desencadeando certos procedimentos lingüísticos e extralingüísticos. Trata-se de um enfoque já renunciado através de alguns relevantes estudos que encaram o processamento da linguagem como parte do processamento cognoscitivo humano de uma forma geral. Nessa visão, língua e pensamento se revestem de algumas características semelhantes, sendo aquela encarada como uma manifestação real e concreta do raciocínio humano. Essa abordagem tem em Langacker (1987) toda uma fundamentação teórica que delinea o campo do que se passou a chamar Lingüística Cognitiva. Esse termo veio a se firmar justamente pelo fato de Langacker ter cunhado, através dos *Foundations*, a Gramática Cognitiva, antes denominada *Space Grammar*. A essência dessa Gramática

são os “aspectos da organização cognitiva na qual reside a compreensão do falante/usuário sobre convenções lingüísticas estabelecidas”¹.

Nesse convencionalismo lingüístico, é de fundamental importância para a teoria o reconhecimento da existência do entrenchamento (*entrenchment*), fenômeno relativo ao sólido estabelecimento de construções na língua, que passam a não demandar esforço construtivo para sua compreensão. Uma gramática dessa natureza é capaz de explicar, a título de exemplo, como os usuários de uma língua lidam adequadamente com construções complexas na forma de clichês, provérbios, expressões idiomáticas e outras construções sociais e culturalmente convencionalizadas sem a necessidade de depurar o significado de seus constituintes ou de refazer o percurso histórico-social que justifica o significado de tais construções.

Langacker parte do pressuposto de que a língua é um elemento integrante da cognição humana. O ponto em que a teoria lingüístico-cognitiva confronta com o gerativismo chomskyano está na idéia de que o homem adquire linguagem ativando estruturas e habilidades inatas, mas não é certo que tais estruturas e habilidades sejam exclusivas da linguagem; elas integram outras propriedades cognitivas humanas. Em outros termos, a linguagem faz parte de um fenômeno psicológico mais amplo, não existindo, a rigor, nenhuma faculdade da linguagem na mente humana. Em linhas gerais, é essa a proposta de Langacker, que resume os propósitos da Lingüística Cognitiva e que, obviamente, norteará o desenvolvimento da pesquisa ora apresentada.

ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Uma importante noção apresentada por Langacker (1987) e que serve de fundamento para uma série de estudos posteriores à divulgação da Gramática Cognitiva é a de “domínios cognitivos”. Para Langacker, uma unidade simbólica é composta por uma unidade fonológica (ligada à vocalização) e uma unidade semântica (ligada à conceptualização). E as unidades semânticas, especificamente, são caracterizadas em função de domínios cognitivos, os quais são tidos como contextos para a caracterização de tais unidades e se manifestam como entidades necessariamente cognitivas, a exemplo de experiências mentais, espaços representacionais, conceitos e complexos conceituais².

Para um estudo da linguagem voltado para seus aspectos de natureza cognitiva são fundamentais essas noções de Langacker, juntamente com outras apresentadas em sua obra. Dentro da nossa proposta de trabalho, e atendendo-se a proposta teórica da Lingüística Cognitiva, o “texto” nada mais é do que a manifestação de todo um processamento cognitivo da linguagem. Diferentemente de outras áreas que primam pela descrição dos elementos textuais, interessa-nos saber o processamento do raciocínio que vai resultar no texto propriamente dito. Em outras palavras, interessam-nos as condições de produção textual e a articulação de domínios, que, no conjunto, vão-nos oferecer uma visão bastante acurada do mecanismo de conceptualização operado pelo ser humano e manifestado através da linguagem verbal.

Como a nossa proposta de pesquisa gira em torno de uma descrição do processamento da metáfora, também é imprescindível lançarmos mão de uma teoria sobre essa forma de linguagem. Nesses termos, Lakoff & Johnson (1980) nos oferecem um bom embasamento, tratando-se de obra clássica no assunto. Além de apresentarem uma visão bastante ampla sobre os vários tipos de metáfora, os autores demonstram a grande sistematicidade e a regularidade que existem no processo de constituição das metáforas de uma língua. Além disso, atestam que o raciocínio metafórico é uma maneira de conceptualizar o mundo, uma vez que as metáforas refletem uma maneira de encarar os fatos da realidade cotidiana.

¹ Cf. Langacker (1987:57). Tradução minha.

² Idem, p. 147.

Esse ponto de reflexão é crucial para o desenvolvimento do presente trabalho. Embora haja muitas teorias sobre a metáfora – incluindo aquelas que tendem a considerar essa forma de sentido figurado como um fenômeno especial dentro da linguagem – e cada uma se aplique a um campo específico dos estudos sobre a língua, a nossa tendência será a de considerar a metáfora como uma forma natural e corriqueira através da qual manifestamos nossos pensamentos. Ou seja, o raciocínio humano é metafórico por excelência, não se tratando de nenhuma forma especial de operar com os elementos lingüísticos, pelo menos numa visão lingüístico-cognitiva. Lakoff e Johnson mostram isso claramente em sua obra, afirmando que o nosso sistema conceptual se baseia na experiência de mundo que detemos e com a qual lidamos para a construção da nossa linguagem.

É bastante recorrente a postura de Lakoff quanto ao tratamento da metáfora no âmbito da Lingüística Cognitiva, como se pode ver em Lakoff (1987), em especial no capítulo 17 (p. 269-303), em que o autor traça alguns fundamentos da Semântica Cognitiva, e em Lakoff (1993), referência em que o autor esboça especificamente uma teoria da metáfora. Nessas alturas dos nossos estudos, é necessário estabelecer certos limites para identificação da metáfora, tanto quanto possível, de vez que essa questão é o ponto crucial de muitas discussões acadêmicas. Muito se tem questionado, por exemplo, a respeito da efetiva existência de uma linguagem metafórica diferenciada de uma linguagem comum, não-metafórica, já que é fácil comprovar que o ser humano comunica através de analogias todo o tempo. Outro questionamento bastante comum se dá em torno da possibilidade ou não – em termos teóricos – de considerar metáforas que já sofreram entrincheiramento como formas não mais metafóricas de processar o raciocínio lingüístico, uma vez que o usuário, ao que tudo indica, não elabora as mesmas refazendo todos os passos do raciocínio analógico, a começar pelos mapeamentos operados entre elementos de diferentes domínios cognitivos, requerido em relação à metáfora. Além disso, é importante delinear o campo da metáfora para que seja melhor caracterizada uma outra forma de linguagem que com ela compartilha alguns elementos: a metonímia. Em linhas gerais, a metonímia se distingue da metáfora por apresentar, entre os elementos mapeados de um domínio cognitivo a outro, uma relação de contigüidade, com bem caracteriza Palmer (1996:232-235).

A partir da noção de domínios cognitivos, desenvolveu-se uma outra teoria, a dos “espaços mentais”, que tem em Gilles Fauconnier o seu idealizador e principal divulgador. O grupo de estudiosos de San Diego (Califórnia – EUA), do qual fazem parte Fauconnier e Seana Coulson, entre outros, vem desenvolvendo várias pesquisas nessa linha, juntamente com outros nomes de destaque, como o já citado George Lakoff (de Berkeley) e Mark Turner (de Maryland).

Em obra que delineou os princípios da teoria, Fauconnier (1994) caracteriza os espaços mentais como sendo domínios cognitivos de natureza semântico-pragmática que se configuram no processamento discursivo ativados por certas expressões lingüísticas e por alguns mecanismos de reconhecimento de elementos em diferentes campos (psicológico, cultural, histórico, ficcional etc.). Numa prática comunicativa qualquer, ativamos vários espaços mentais e inter-relacionamos elementos de vários desses espaços, não só numa relação biunívoca, mas estabelecendo uma rede de projeções tal que a linguagem se configura como um complexo emaranhado de elementos, domínios e projeções.

Essa teoria vem-nos mostrar que a linguagem humana é tipicamente analógica. Fazemos analogias entre elementos de diferentes espaços mentais o tempo todo, sendo tais o fundamento do nosso raciocínio em várias situações, desde a comunicação corriqueira mais elementar até elucubrações de caráter filosófico, metafísico ou metalingüístico, que requerem maior maneabilidade de elementos conceituais.

A teoria dos espaços mentais foi amplamente enriquecida com o advento das idéias em Fauconnier & Turner (1994), que se resumem num conjunto de combinação de modelos cognitivos numa cadeia de espaços mentais, chamada de “mesclagem conceitual”. Essa cadeia de integração conceitual consiste na estruturação de dois ou mais espaços *input* a partir de um espaço genérico e num espaço da mescla, o qual encerra elementos dos espaços *input*. Essa teoria explica como é

possível que elementos pertencentes a um certo domínio cognitivo se sobreponham a elementos de outro, produzindo uma imagem seletivamente elaborada que encerra informações de ambos os domínios e que faz emergir significados a partir dessa confluência de espaços, não necessariamente presentes em ambos os *inputs*.

Analogias, metáforas, contrafactualidade, combinação de conceitos e até certas construções gramaticais são alguns exemplos de fenômenos da linguagem e do raciocínio que podem ser melhor descritos através da teoria dos espaços mentais e da mesclagem conceitual. Numa sociedade de intensa circulação de informações como esta em que vivemos, faz-se premente a necessidade de entender como tais informações se cruzam e produzem novas informações, entendendo-se, assim, cada vez mais, como é o funcionamento da mente humana. Nesse sentido, tais teorias se tornam fundamentais para a ciência, uma vez que lançam novas luzes para o entendimento de possíveis inferências, certas reações emocionais e alguns efeitos retóricos a partir da articulação de domínios cognitivos.

Embora espaços mentais possam ser ativados e articulados numa rede de integração conceitual no nível estrutura lingüística *stricto sensu*, há que se considerar a importância do contexto nesse processo de ativação e articulação. Afinal, a própria interpretação de elementos lingüísticos é uma atividade que se realiza, inevitavelmente, envolvendo elementos contextuais, a começar pelo próprio conhecimento de mundo dos interlocutores envolvidos numa dada situação discursiva.

APLICAÇÃO DA TEORIA

Goodwin & Duranti (1996), num estudo eminentemente voltado para a questão do contexto nos estudos da linguagem, chamam a atenção para a importância de, num trabalho dessa natureza, partir da perspectiva do participante do discurso e das atividades por ele executadas. Eles começam o capítulo lembrando o processo de “socialização da linguagem”, termo cunhado por Ochs e Schieffelin, através do qual se entende que a aprendizagem lingüística não ocorre isolada do processo de socialização do indivíduo.

O presente trabalho quer justamente realçar a postura de incorporação do contexto nos estudos da linguagem, sem, com isso, fazer dispersar o objeto da Lingüística, que é o entendimento do mecanismo da comunicação verbal humana. Mesmo em casos onde se vê a articulação de espaços mentais envolvendo elementos tipicamente lingüísticos, o contexto se faz presente de uma forma decisiva para os resultados da análise, sendo imprescindível considerar o processo de inferenciação dele advindo. O conhecimento de mundo dos interlocutores é fundamental para o estabelecimento dos mapeamentos entre elementos de domínios cognitivos diferentes, além de se revestir de fundamental importância na emergência de sentidos no espaço da mescla.

Consideremos a sentença abaixo, transcrita de uma reportagem de revista:

- (1) A arrancada de Ciro Gomes na corrida presidencial está fazendo comer poeira a candidatura tucana de José Serra (...) ³

Nessa sentença, assim como em outras que aparecem na reportagem, são estabelecidos mapeamentos de elementos entre dois espaços mentais distintos: um relativo à campanha eleitoral de 2002 para a Presidência da República e outro relacionado com competição esportiva, especificamente uma corrida olímpica ou coisa do gênero. Aliás, essa metáfora – “candidatar-se é entrar numa corrida” ou “eleições são corridas” – é muito comum em disputas políticas. Curiosamente,

³ Cf. Carvalho, Ana. *Ciro atropela*. *IstoÉ*, São Paulo, p. 28, 07 ago. 2002. Grifos meus.

nos textos da mídia, o teor dessa metáfora costuma ir-se agravando tanto mais à medida que se aproxima o dia das eleições, quando é muito comum passar-se da metáfora da corrida para a metáfora da guerra.

Fazendo-se uma análise do exemplo (1), podemos estabelecer as seguintes relações entre os elementos destacados nessa sentença:

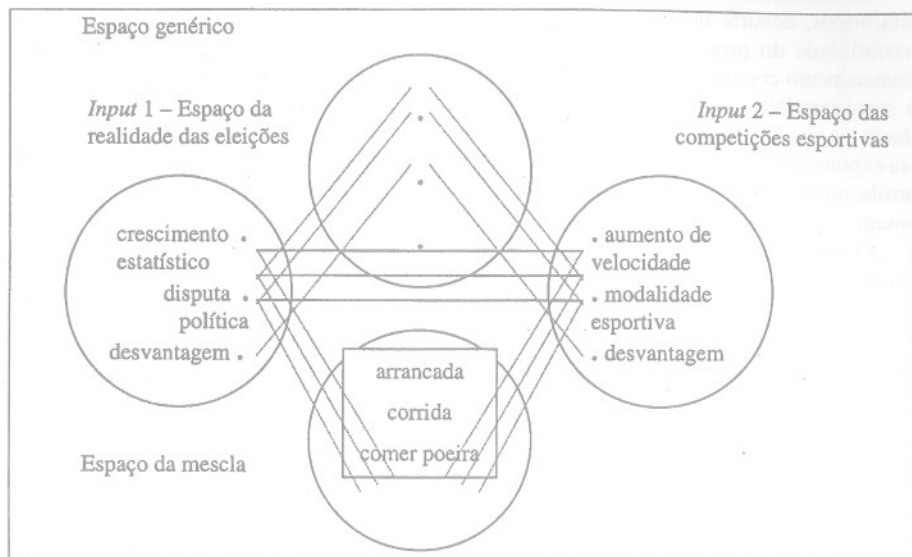


Figura 1 – Representação da mesclagem conceitual da sentença (1)

No espaço genérico, encerram-se informações gerais que se aplicam ao mesmo tempo para os elementos dos espaços *input* 1 e 2: relativamente aos elementos “arrancada”, “corrida” e “comer poeira”, poderíamos apontar, respectivamente, as idéias sobre um certo tipo de ação ou acontecimento favorável, um tipo de competição e uma situação de não-favoritismo. Cada uma dessas idéias está ligada a *frames* e a esquemas bem definidos, na concepção de Palmer (1996), que se aplicam indistintamente a cada espaço *input* nesse processo de mesclagem conceitual. Para Palmer, viver uma determinada cultura ou falar uma língua é o mesmo que colocar “esquemas” em ação. Esquemas são padrões conceituais ou imagens abstratas que subjazem à palavra, enquanto *frames* – numa concepção que coincide com o ponto de vista de Beaugrande e Dressler – são padrões globais que contêm conhecimento do senso comum sobre algum conceito central (como a idéia que se tem sobre qualquer tipo de competição: a existência de regras, a imagem do vencedor, as possibilidades de reversão do favoritismo, a imagem do perdedor etc.).

Um dos grandes méritos da teoria da mesclagem conceitual é tratar-se de um modelo não-fechado, susceptível ao estabelecimento de infinitas relações conceituais numa extensa rede de espaços mentais. A título de exemplo dessa propriedade, tomemos a expressão “comer poeira” para uma análise mais detalhada. Por si mesma, trata-se de uma expressão que pode ser entendida metaforicamente, associada à idéia da desvantagem tanto no espaço da realidade das eleições quanto

no espaço das competições esportivas. O que vai, porém, estabelecer o caráter metafórico ou literal dessa expressão é o grau de entrincheiramento que a mesma tiver apresentado numa certa situação discursiva. Pode ocorrer, por exemplo, que ela seja considerada metafórica no domínio cognitivo da corrida eleitoral, uma vez que “poeira” não é um elemento comum nos *frames* ativados dentro desse domínio, e que “comer poeira” seja tomada literalmente no domínio cognitivo das competições esportivas, já que “poeira” é algo mais próximo da realidade dos atletas do que dos políticos.

De toda forma, a possibilidade da interpretação dessa expressão, quer por meios literais ou metafóricos, decorre de uma propriedade salientada por Langacker (1987:109-114), que é a possibilidade do processamento autônomo dos eventos cognitivos. Isso quer dizer que um processamento cognitivo pode dar-se por caminhos que os correspondentes *inputs* jamais seguem ou seguiriam. No caso da expressão “comer poeira”, equivaleria a afirmar que não é preciso o falante ter vivido a experiência de comer poeira ou ter visto alguém fazê-lo para que ele associe a essa expressão o sentido de respirar intensamente a poeira deixada pelos primeiros colocados numa corrida, muito menos ter experienciado a sensação de degustar um punhado de poeira numa refeição comum.

O uso recorrente de expressões metafóricas pode levar à sua literalização. Observe-se o exemplo abaixo, extraído de uma reportagem de jornal:

- (2) O presidente dos EUA, George W. Bush, disse ontem durante seu programa semanal de rádio que as tropas norte-americanas estão a menos de 80 km de Bagdá e elencou uma série de “conquistas” realizadas desde o início da guerra contra o Iraque.⁴

O verbo “elencar”, nessa sentença, pode ser interpretado metaforicamente como sinônimo de “citar”, “arrolar”, “mencionar” ou algo desse mesmo campo semântico. É possível visualizar um processo de metaforização nesse caso pela possibilidade de mapeamento de elementos entre dois domínios diferentes, sendo um deles relativo ao meio artístico (teatro, cinema ou televisão).

No entanto, essa sentença se encontra numa reportagem jornalística em meio a uma série de muitas outras sobre a guerra dos Estados Unidos contra o Iraque e que já vêm tratando as ações das tropas da coalizão no Oriente como “O Teatro de Operações”. Ora, o uso recorrente da analogia “a guerra como um teatro” faz com que ocorra um entrincheiramento das expressões metafóricas, a ponto de poderem ser consideradas já como literais dentro do sistema conceptual ativado para a leitura de tais reportagens. Em outras palavras: o leitor já habituado com essa analogia, ao deparar como uma sentença como a (2), muito provavelmente não lançará mão dos seus conhecimentos gerais sobre artes cênicas para interpretar essa mesma sentença. Assim, temos as seguintes situações, esquematizadas abaixo, definidas de acordo com as vicissitudes contextuais:

⁴ Cf. *Folha de S. Paulo*, p. 21, caderno Mundo, 30 mar. 2003. Grifo meu.

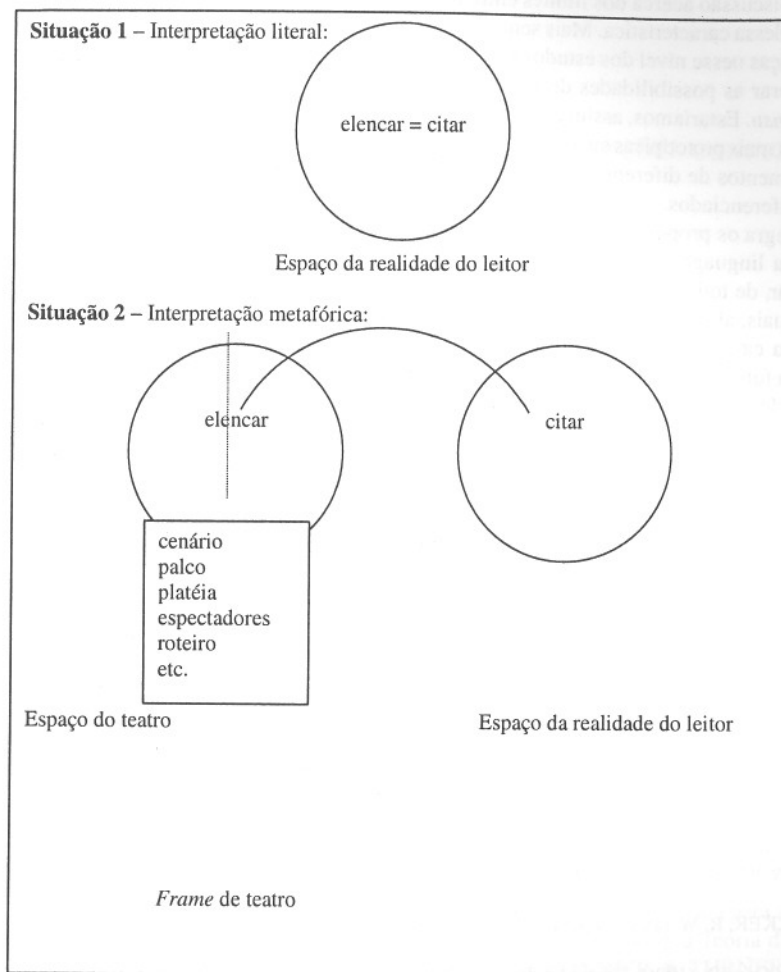


Figura 2 – Representação das situações de interpretação da sentença (1)

CONCLUSÃO

O sentido é uma categoria somente previsível na base do sistema lingüístico até um determinado ponto. Quando se trata de descrevê-lo em seus aspectos cognitivos, as possibilidades de inter-relação de espaços mentais e de ocorrência de mesclagem conceitual são infinitas, especialmente quando entram em jogo o conhecimento de mundo dos interlocutores e outras vicissitudes contextuais. Nesse ponto, as ocorrências lingüísticas se tornam particulares, não podendo ser enquadradas num padrão generalizado de descrição semântica.

A discussão acerca dos limites entre o sentido metafórico e não-metafórico na linguagem não se isenta dessa característica. Mais sensato do que determinar a característica de palavras, expressões ou sentenças nesse nível dos estudos lingüísticos é levantar aspectos contextuais a elas relacionados e considerar as possibilidades de gradação entre metáforas bastante típicas e expressões literais *stricto sensu*. Estaríamos, assim, aplicando a teoria da prototipicidade ao processo de metaforização: metáforas mais prototípicas envolvem maior quantidade de espaços mentais ativados, de mapeamentos entre elementos de diferentes domínios cognitivos, de mesclagens conceituais e maior número de *frames* diferenciados.

Integra os propósitos da Lingüística descrever minuciosamente os processos de elaboração e prática da linguagem humana sem perder de vista o seu objeto de estudo, a palavra. Há que se considerar, de toda forma, que esse elemento se encontra sujeito a muitas interferências, inclusive extratextuais, algumas das quais decisivas para a sua caracterização. Um estudo lingüístico que não levar essa característica em consideração estará fadado ao insucesso, uma vez que a linguagem existe em função dos propósitos comunicativos e é reflexo de todo um processamento cognitivo no qual interferem fatores de ordem psicológica, histórica, social, emocional e outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAUCONNIER, G. (1994). *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ____ & TURNER, M. *Conceptual projection and middle spaces*. Report 9401. San Diego: University of California, April 1994.
- GOODWIN, C. & DURANTI, A. (1996). Rethinking context: an introduction. In: DURANTI & GOODWIN (eds.). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-76.
- LAKOFF, G. (1993). The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, p. 202-251.
- ____ (1987). *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- ____ & JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- LANGACKER, R. W. (1987). *Foundations of cognitive grammar – vol. I*. Stanford: Stanford University Press.
- PALMER, Gary B. (1996). *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press.